



GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Universit  de Liege) - Debatedor/a

O Grupo de trabalho Antropo ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

Fabula??es especulativas para uma antropologia por meio do design

Autoria: Zoy Anastassakis

Nos ?ltimos anos, diversos antrop?logos discutem os futuros da antropologia (Fischer 2011), se dedicando a formular revis?es e reorienta??es para a disciplina (Strathern 2013). Alguns prop?em reform?-la como pr?tica de pesquisa engajada, imaginativa, criativa e aberta (Escobar 2017; Ingold 2011, 2013, 2015, 2016, 2017, 2018; Rabinow, Marcus, Faubion, Ree 2008). Nesse ?mbito, revisitam a no??o de observa??o participante a fim de reconsiderar as pr?ticas de pesquisa, escrita e ensino na ?rea (Ingold 2014, 2017), e debatem as limita??es e potencialidades das rela??es entre real e ficcional (McLean 2017, Strathern 2013), equivocaa??o (Viveiros de Castro 2004) e certeza na pesquisa antropol?gica. Em meio a essas propostas de reformula??o da antropologia, surgem uma s?rie de abordagens alternativas para a escrita. Dentre elas, emergem g?neros narrativos que combinam rigor etnogr?fico e exerc?cios imaginativos. Ganham destaque a? os conceitos de fabula??o e especula??o, articulados em torno da no??o de fabula??o especulativa (Haraway 2016; McLean 2017; Debaise, Stengers 2017). Com Debaise e Stengers, Haraway, Ingold e McLean, fabula??es especulativas podem ser definidas como a cria??o de fic??es antropol?gicas suficientemente v?vidas e intensas para abrir espa??o ? imagina??o de futuros transformadores, como para viabilizar interven??es e reformula??es da realidade (McLean 2017). Podem ser cultivadas por meio de experimenta??es que envolvem pr?ticas de correspond?ncia (Ingold 2016, 2017) e observa??o participante (Ingold 2013, 2014), onde aqueles que observam atuam com habilidade de resposta (Haraway 2016, Ingold 2016, 2017) e engajamento (Ingold 2011, 2013). Cultivando os sinais de mudan??a em uma situa??o, as fabula??es especulativas maximizam os atritos com a experi?ncia, a fim de imaginar futuros poss?veis de transforma??o (Debaise, Stengers 2017). S?o experimentos de imagina??o antropol?gica (Ingold, Hallam 2007) que visam intervir e modificar a realidade, desafiando a ordem existente para transformar o futuro. Uma forma de



narrativa ativista (Haraway 2016) que lida com histórias reais em que vários participantes estão envolvidos em traduções parciais e transformações liminares em meio a processos de diferenciação. Esta apresentação discute a noção de fabulação especulativa a partir de alguns experimentos concretos que vem sendo realizados pela autora em torno da etnografia do movimento EsdiAberta#UerjResiste (Anastassakis 2018; Anastassakis Brasil 2018), apresentando assim um investimento de pesquisa e escrita que se realiza a partir do tensionamento e da multiplicação de modos de experimentação com processos e produtos de pesquisa em antropologia, quando realizada por meio do design (Gatt, Ingold 2013; Rabinow, Marcus, Faubion, Ree 2008).



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**